

Hermenêutica negra nos Estados Unidos

Peter Nash

Resumo

Na última década firmou-se nos Estados Unidos uma geração de biblistas negros identificados com o exercício de uma hermenêutica bíblica negra. O estudo apresenta uma descrição das qua-

tro características fundamentais dessa hermenêutica, propondo que estas também possam ser uma contribuição na busca por uma hermenêutica negra no Brasil.

Resumen

En la última década se formó en Estados Unidos una generación de biblistas negros identificados con el ejercicio de una hermenéutica bíblica negra. El estudio presenta una

descripción de las cuatro características fundamentales de esta hermenéutica, proponiendo que estas también puedan ser una contribución en la búsqueda de una hermenéutica bíblica en Brasil.

Abstract

In the last decade a generation of Black biblicists identified with the practice of a Black biblical hermeneutics established itself in the United States. The study presents a description of the

four basic characteristics of this hermeneutics, proposing that these could also be a contribution in the search for a Brazilian Black hermeneutics.

A luta brasileira e negra pela dignidade e igualdade dentro da Igreja, da academia e da sociedade tem alguns paralelos com a luta irmã nos EUA. Claro, são casos distintos, cada um precisando

achar sua caminhada, mas é possível que uma olhada rápida nos últimos acontecimentos ajude na busca por uma hermenêutica brasileira e negra.

A massa crítica

Na segunda metade da década de 90, a face da hermenêutica norte-americana mudou definitivamente. Depois desta década, e da hermenêutica que fingia ser universal e adequada para qualquer situação – quero dizer, a hermenêutica branca ou, mais precisamente, a hermenêutica da perspectiva dos brancos europeus e norte-americanos e, começando na década de 70, brancas – finalmente desenvolveu-se um número suficiente de biblistas profissionais negros e negras para formar um grupo de trabalho. Antes desse momento, os poucos profissionais trabalhavam isoladamente, se encontrando em reuniões avulsas e por acaso, ao lado dos congressos brancos (de fato, não de direito) e nos congressos de igrejas negras, e normalmente tinham conhecimento de um ou outro dos colegas afastados.

A partir da penúltima década do século 19, sempre houve, nos EUA, um ou dois negros atuando numa faculdade de teologia ou num departamento de línguas antigas de uma universidade. Infelizmente, esse âmbito normalmente exigia que eles se concentrassem nas áreas mais “científicas” ou, por outro lado, mais tradicionais nas questões de interpretação da fé. Sobrava pouco tempo para desenvolver uma teologia negra adequada para responder à voz branca e predominante nas faculdades. As questões da negritude da Bíblia eram consideradas supérfluas,

na melhor dos hipóteses, e perigosas e heréticas, na pior.

Na década de 40, o P. Dr. Charles Copher começou a pesquisar e publicar textos sobre a presença negra na Bíblia. Nos seus trabalhos explicou e demonstrou por que o mundo vétero-testamentário era um mundo escuro ou, na sociologia norte-americana, negro¹.

O professor Copher criou um âmbito em que pesquisadores/as mais novos/as podiam ser formados/as no método histórico-crítico dando atenção às preocupações dos povos negros: laços bíblicos com a África, costumes africanos, escravatura e suas várias formas na Bíblia e na época greco-romana, e assuntos lingüísticos, como a divulgação do conceito das culturas afro-asiáticas, bem recebido entre os lingüistas, mas pouco ensinado até hoje nas faculdades de Teologia.

Na década de 70, na onda enorme que se seguiu à publicação e recepção positiva de James Cone e sua teologia negra, o campo que o professor Copher preparara podia dar uma boa colheita. Depois de uma geração, os biblistas estão finalmente se livrando da boa mas excessiva influência de James Cone, uma espécie de tio rico de todas as disciplinas teológicas, e em 1991 publicaram um projeto coletivo: *Stony the Road We Trod: African American Biblical Interpretation*².

Marcas ou características da hermenêutica negra

Destaco quatro marcas ou características da hermenêutica negra dos EUA: a primeira é uma ligação ou compromisso com uma comunidade negra; a segunda é que a hermenêutica negra é claramente cristã, mas aberta para dialogar com outras fés que se acham dentro das comunidades negras, principalmente, nos EUA, o islã; a terceira é um compromisso com a libertação de todos os povos, mas com prioridade para a liber-

tação daquelas pessoas que sofrem por causa de preconceito racial contra negros, combinado com um poder qualquer para afetar, direcionar ou influenciar as vidas de negros, ou, mais simplesmente, vítimas de racismo. A quarta característica é: ela demonstra um equilíbrio entre a academia e a sabedoria de pelo menos uma tradição negra. Nos parágrafos que seguem, vou tratar de cada marca na ordem inversa.

Equilíbrio das tradições

A pessoa que entra na prática da hermenêutica negra valoriza pelo menos duas tradições distintas que interpretam a Bíblia. Não dá para priorizar. Elas dançam como parceiras, e nem uma nem a outra guia sempre. Não são iguais. Não concorrem uma com a outra, mas colaboram juntas no processo de dar uma interpretação justa e digna do relacionamento entre Deus e os seus povos.

As duas tradições requeridas são: primeiro, a tradição negra e americana ou afro-americana, que foi produzida ao longo de uns 400 anos de alegria e sucesso misturados com tristeza e humilhação. Mas a história não é fácil de recontar. Não existiram nem existem dois negros que sofreram as mesmas coisas ou as receberam com a mesma ótica. Então, da mesma forma que a tradição européia é diversa e rica, com contribuições da França, Alemanha, Inglaterra, Suíça, etc., a tradição afro-americana

também tem muitas vozes e harmonias possíveis. Ao longo do desenvolvimento desta tradição houve várias tentativas de se resgatar as raízes africanas dos muitos povos escravizados. Claro, as tentativas alcançaram níveis de sucesso diferentes. Percorrendo a história também é notável constatar que, apesar de este fato às vezes ter sido perdido de vista, os negros contribuíram não somente como escravos, mas também como pessoas livres que acompanharam os primeiros exploradores, incluindo Colombo, emprestando seus talentos aos projetos europeus. Mas não dá para tentar escapar. Um fio condutor, talvez o maior e o mais forte da corda da tradição negra, é a herança de um povo que foi escravizado, desvalorizado, dominado por leis nas quais eles não tiveram nenhuma participação, e, quando as leis não funcionavam mais, pelo assassinato, estupro e mutilação e outros abusos cruéis³.

A segunda tradição é a tradição europeia acadêmica do método histórico-crítico (MHC) e seus filhos. O MHC é um produto da França e Alemanha no século 18. E, para não nos enganarmos, vamos assumir que ele é também uma ferramenta de uma hermenêutica cultural ou étnica. Especialmente hoje, uma pessoa não pode confundir o desconstrucionismo francês com o formalismo alemão. Apesar de ter ganho, pela própria força e utilidade e pelos imperialismos de todos os tipos, uma hegemonia, o MHC é um produto de algumas culturas européias, e não é e nunca foi um método universal ou majoritário. A própria exegese e a hermenêutica mostram traços das culturas que as produzem.

Outras tradições podem entrar também. Juan Segundo e Richard Shaull, um americano que atuou no Brasil e na Costa

Rica, são interlocutores constantes dos teólogos negros e negras. Outros negros fora dos EUA, africanos, jamaicanos, afro-latinos, também influenciam o desenvolvimento duma hermenêutica negra.

O que a hermenêutica negra faz é assumir a sua perspectiva negra e norte-americana em conversação com outras perspectivas. Ela espera ser pelo menos duplamente culta pelo fato de recorrer sempre ao MHC, ou a um dos filhos dele, e à tradição negra. Esta dança seria uma tentativa de conviver com os textos, respeitando as culturas deles, para levar alguma coisa da experiência bíblica à experiência negra nos EUA. De lá, onde seja útil para outros grupos e culturas, ela entra numa conversação coletiva com eles e elas.

Um compromisso com a libertação de todos os povos

Entre as pessoas negras nos EUA, a palavra ou o conceito de racismo é distinto do sentimento de preconceito. Preconceito é uma resposta emocional de uma outra pessoa por causa de alguma característica e pode ser positiva ou negativa. Racismo é a combinação de um preconceito negativo baseado na cor da pele de uma pessoa com o poder formal ou informal de impedir uma pessoa de alcançar seus alvos e direitos na vida. Por isso já faz muito tempo que os negros desistiram de esperar controlar ou eliminar o preconceito racial que existe no fundo do coração norte-americano, mas eles continuam a batalhar contra o

racismo e os efeitos diretos e colaterais dele.

Os/as intérpretes negros, em geral, são teólogos da libertação. Eles/as se fundamentam na confiança de que Deus é o Deus de todos os povos do mundo com paixão para acolher cada um/a no peito celestial. Na convivência negra, um impedimento principal da plena recepção da graça de Deus é o racismo. As intérpretes negras entram então na luta para desmontar as estruturas racistas. Mas não é fácil, porque existe uma história longa de racismo dentro da própria tradição cristã.

Por exemplo: a questão da escravidão foi contestada em vários campos, incluindo os campos moral e teológico. Por muitos anos e até hoje uma argumentação básica para apoiar a moralidade da escravatura é a maldição de Cam em Gn 9 – que de fato, por algum motivo pouco estudado, é uma maldição do filho de Cam, Canaã. Este texto mitológico foi usado durante séculos para mostrar que Deus pretendia que os habitantes da África, seus descendentes na diáspora, fossem servos dos habitantes e descendentes dos semitas. Quais são os erros feitos aqui? Em primeiro lugar, é uma leitura literal dum texto mitológico ou pelo menos etiológico. Em segundo lugar, é uma prepotência extraordinária assumir o lugar dos povos semíticos como donos ou superiores dos escravos ou servos. Em terceiro lugar, é uma leitura que não fez levar a sério a situação de escravidão ou servidão no AT, mas inventou uma escravatura que serviu às propostas da época e procurou apoiá-la. Finalmente, ligado com o terceiro erro, esta leitura superficial não levou a sério os textos que mostram a alta estima que Deus (ou pelo menos a tradição hebraica) tem pelos povos africanos. Os “exegetas” brancos aceitaram uma maldição que fez dos negros os subalternos dos brancos, mas nunca levaram a sério uma maldição que indica que ser branco era um julgamento negativo (Nm 12)?

Em todo caso, o preconceito e o racismo da tradição ocidental não atrapalharam simplesmente os negros norte-americanos, mas viajaram junto com quase todos os exploradores europeus e combinaram-se com os preconceitos dos outros lugares. Preconceito contra negros e racismo podem ser encontrados em quase todos os cantos do mundo. Claro que preconceito racial nunca foi propriedade exclusiva das sociedades brancas ocidentais. A mistura dos tipos é um fenômeno moderno que tem que ser tratado organicamente e não simplesmente por partes. Mesmo assim, o racismo do *apartheid*⁴ e outros no mundo são um legado exportado da Europa e do seu filho maior, os EUA. Num segundo nível, as interpretações negras dos EUA procuram inibir qualquer uso da Bíblia para apoiar racismo contra qualquer negro.

Mais um nível, ou talvez círculo concêntrico, de preocupação de uma hermenêutica negra é a eliminação de racismo contra qualquer pessoa. Agora também entra em jogo uma luta contra o classismo e o sexismo ou machismo. Reconhecendo que as pessoas são feitas com algumas características endêmicas, a hermenêutica negra procura não somente proteger cada pessoa de abuso determinado por preconceito racial, mas também conhecer o bem que esta pessoa ou grupo leva para a mesa numa conversação sobre fé, cultura, etnia, gênero e classe.

Ela é claramente cristã

Isto deve estar claro, já que até agora não existe, entre os intérpretes negros, um problema a respeito da fé assim como

existe na academia em geral. Por vários motivos os/as exegetas negros/as são todos cristãos e cristãs que estão trabalhando

do as questões de fé particular e comunitária. Eles conhecem os problemas de envolvimento excessivo nas questões, mas ninguém tomou uma posição ou postura de uma observação descomprometida.

Ao lado desse relacionamento caloroso com o texto e a fé que ele representa e produz, eles/as vivem seus compromissos com a negritude e os povos negros. Este compromisso implica conhecimentos das outras fés como interlocu-

toras que merecem respeito e carinho. As religiões tradicionais da África e o islã são as religiões que mais captam a atenção deles, mas outras religiões e manifestações culturais negras também entram na roda porque as comunidades negras nos EUA têm negros, brancos e amarelos de todos os cantos do mundo. Para não excluir nenhum negro procurando a graça de Deus, os braços têm de estar sempre abertos.

Compromisso com uma comunidade negra

Isto deve estar claro, já que os intérpretes negros estão inseridos bem no meio das igrejas⁵ negras ou como professores das comunidades negras que existem nas denominações negras. Eles falam com e para suas comunidades de referência. E é somente quando têm uma palavra da comunidade de referência para a Igreja maior ou a academia que eles falam em voz alta. Por isso muitos colegas negros, assim com as feministas e os latinos, sofreram na academia. Eles ensinaram assuntos que não eram obviamente acadêmicos quando ainda não havia nenhuma massa crítica.

Ao contrário da comunidade universitária que se engana com uma ilusão de que fala com uma voz universal e unida, o corpo nascente dos intérpretes se percebem como porta-vozes das comunidades nas quais vivem uma vida cristã. Elas chegam à mesa de discurso teológico com a confiança absoluta de que têm uma parte da graça de Deus e uma parte do sofrimento do mundo para colocar nela. Não toleram mais que as experiências de qualquer negro sejam negadas como parte da experiência da graça de Deus entre o povo santo, que é a humanidade toda.

Notas

¹ Todos os termos ou classificações brasileiras: mulato, negro e moreno (quando usado para referir-se a mais do que olhos e cabelos castanhos) se encaixam no termo “negro” nos EUA.

² Cain H. FELDER (Ed.), *Stony the Road We Trod* : African American Biblical Interpretation, Fortress, 1991.

- ³ É minha esperança que o passado não domine o futuro, mas o informe. Logo, estou esperando que os/as biblistas negros/as possam procurar cada vez mais colocar uma visão positiva da esperança do evangelho.
- ⁴ Um sistema de segregação racial severa que era lei na África do Sul sob o domínio dos africânderes, descendentes dos exploradores holandeses, de 1948 a 1992.
- ⁵ O racismo dos EUA é tão diferente do racismo do Brasil que vale a pena notar que existem não somente comunidades negras e brancas separadas, mas também denominações negras e brancas. Também aconteceu que a Igreja Presbiteriana se dividiu no século 19 por causa da questão da escravidão e se reuniu somente no fim da década de 70.

Peter Nash
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo - RS